

Os Trabalhos dos Irmãos Schomburgk como Fontes da Etnohistória da Área Etnográfica da Guiana Ocidental^{1[1]}

(Trabalho a ser apresentado na **25ª Reunião da ABA**, Goiânia 2006, GT48, “Saberes Coloniais sobre os Indígenas em Exame: Relatos de Viagem, Censos e Iconografia”)

Prof. Dr. Erwin H. Frank,

Rua Xavier de Sampaio 66

Bairro Mecejana,

CEP: 69304-230

Boa Vista, RR

Tel.: (095) 3224 7155

antfeld@technet.com.br

nuhsa@prppg.ufr.br

^{1[1]} Uma versão inicial do trabalho foi apresentação em 23ª Reunião ABA, Gramado 2002, no fórum “Relatórios de Viagem”, organizado por Dr. P.R. Albieri Nery, UFU. O termo de “área etnográfica da guiana ocidental” é de Melatti

Este ensaio representa outro passo^{2[2]} numa pesquisa, começado há seis anos, dedicado à (etno)-história da “área cultural circum-Roraima” (Butt-Colson 1985) ou: “área etnográfica da guiana ocidental” (Melatti n.d.), mas também, à “pré-história” da “Völkerkunde”, principalmente à formação da etnografia específica desta variedade alemã de antropologia da segunda metade do século XIX.

No que segue, ofertaremos uma análise inicial das informações sobre diversos povos nativos da indicada região nos escritos (publicados e inéditos) de irmãos Robert-Hermann e Richard Schomburgk, de origem alemão, mas, dos quais um acabou se naturalizando na Grande Bretanha (onde até ganhou o título de “Sir”) enquanto o outro terminou a sua longa vida como “diretor” do Jardim Botânico da cidade australiana de Adelaide. Entre 1835 e 1844, Robert-Hermann Schomburgk percorreu todos os rios da atual República Cooperativa de Guiana^{3[3]} (alem de uma parte considerável do território do atual Estado de Roraima e do extremo sudeste da Venezuela). De 1840 em adiante, ele se fez acompanhar naquelas viagens pelo seu irmão, Richard, “ajudante de jardineiro” do Rei da Prússia.

Num primeiro passo analítico, resumiremos rapidamente a agitada *vida* de – principalmente - (Sir) Robert-Hermann Schomburgk e o pouco que sabemos do seu irmão, Richard.

Robert-Hermann Schomburgk nasceu em 1804 e o seu Richard (Moritz) sete anos depois, filhos de um pastor luterano, na pequena cidade de Freyburg an der Unstrut (Sajonia) que, naquele então, fez parte do Reino da Prússia. Não temos nenhuma informação sobre a formação escolar dos irmãos Schomburgk, mas os excelentes trabalhos científicos que ambos realizaram ao longo das suas vidas (sobretudo nos campos da botânica e da cartografia) sugerem uma sólida formação em “história natural”, com destaque em zoologia e botânica.

Ora, Richard Schomburgk se tornou cedo (ajudante de) jardineiro no parque real de Potsdam, enquanto o seu irmão maior se tornou comerciante, e – como tal - aos 24 anos emigra para os Estados Unidos, onde se torna sócio de uma manufatura de tabaco,

^{2[2]} Vide: Frank 2002 e MS (2000).

cuja bancarrota criminosa – uns poucos meses depois - lhe cura para sempre das suas ambições comerciais.

Nos anos posteriores, Robert-Hermann vaga pelo Caribe e América Central, tentando a sua sorte como “coletor profissional” de plantas para museus e colecionadores privados da Europa, até que - em 1832 – chega à ilha (britânica) de Anegada (Virgin Islands) onde – testemunho do naufrágio de um navio “negreiro” em caminho para os Estados Unidos - oferece às autoridades locais o “mapeamento” das águas costeiras. Em 1833, ele publica os resultados deste trabalho no jornal da “Real Sociedade Geográfica” de Londres, chamando a atenção dos coordenadores daquela sociedade que, em 1834, o contratam para chefiar uma expedição ao interior da Guiana.

É preciso lembrar neste contexto que, embora brevemente ocupadas já em 1796 por tropas britânicas (numa manobra transatlântica das guerras napoleônicas), as então colônias **holandesas** de Essequibo, Demerara e Berbice (atual República Cooperativa de Guiana) se transformaram em outra parte do vasto império colonial britânico somente em 1814, em consequência do “Tratado de Viena”. Naquela época, a Guiana foi parcamente habitada por umas centenas de “homens livres” de descendência holandesa, inglesa, e francesa (principalmente), donos de amplas “plantações” distribuídas ao longo da linha costeira e os cursos baixos dos grandes rios, assim como de uns 100 mil escravos, ocupados na produção de (principalmente) açúcar (“rum”) e café.

Perece que as freqüentes “mudanças de dono” da colônia, ao longo das três décadas anteriores a 1814, afetaram muito pouco a vida cotidiana tranqüila na região, até que, 20 anos depois, os ingleses decretaram a abolição da escravidão, também em todas as **colônias** britânicas (na “pátria”, já era proibida há décadas), decisão que, no caso da atual Guiana, provocou o imediato abandono **em massa** das plantações por parte dos seus (agora: já ex)-escravos, provocando a ruína financeira dos seus (ex)-donos, e sérias preocupações na Inglaterra com o futuro. Foi por esta razão que a “Real Sociedade Geográfica” decidiu realizar um levantamento detalhado dos recursos naturais, das condições econômicas, e da demografia da região, e contratou Robert-Hermann Schomburgk para executar este trabalho.

^{3[3]} Naquele então: uma colônia inglesa.

Entre 1835 e 1839, Robert Hermann viaja então, incansavelmente, no interior da Colônia, entrando - em 1838 – até em território brasileiro. Após uma “visita de cortesia” ao Forte de São Joaquim, ponto avançado de ocupação colonial portuguesa do alto rio Branco, segue a pé até o Monte Roraima, de onde toma rumo oeste, até chegar a Esmeraldas, pequena cidade venezuelana na margem do alto rio Orenoco, de onde volta, finalmente, para Georgetown, via o canal de Caciquire e os rios Negro, Branco e Rupununi.

A finalidade declarada deste atrevida façanha (aliás, mal-interpretada por vários autores brasileiros como “prospecção imperialistas”) foi, ligar os seus dados astronômicos do interior da Guiana com aquelas coletadas por Alexander von Humboldt, 35 anos antes, na Venezuela (entre outros: em Esmeraldas).

Em 1839, durante uma rápida passagem pela Inglaterra (onde oferece palestras, publica o indicado mapa, e põe a venda uma amplíssima coleção de amostras geológicas, de madeiras tropicais, objetos etnográficos e plantas e animais nunca antes vistas, inclusive alguns vivos), o “Colonial Office” – muito impressionada com os resultados do alemão - o contrata para chefiar uma “comissão oficial” com a missão de elaborar *em situ* uma “proposta britânica” para (futuras) negociações com o Brasil, a Venezuela e a Holanda sobre as fronteiras entre a colônia e estes países versinhos. Foi neste trabalho, Robert-Hermann se faz acompanhar pelo seu irmão, Richard, quem – a recomendação de ninguém menos que Alexander von Humboldt – foi contratado pelo então “Instituto Prussiano de Historia Natural” como único integrante da “Primeira (e única!) “Expedição Geográfico-Botânica Prussiana no Interior da Guiana”, com o objetivo de colecionar e preparar plantas, amostras de madeiras e minerais, assim como “etnográfica”^{4[4]}.

No final das suas viagens no interior da Guiana, os caminhos dos irmãos Schomburgk se separaram para sempre. Robert-Hermann volta à Inglaterra onde recebe a nacionalidade britânica, o título de “Sir”, e emprego no “Foreign Office”, servindo à coroa britânica ainda (em variáveis funções) em Barbados, a República Dominicana, e até

^{4[4]} Dos demais integrantes da expedição dos irmãos, o único que merece ser lembrado ainda é o “desenhista” da “Comissão”, o jovem aquarelista inglês, Edward Goodall, autor de impressionantes obras, mostrando plantas, paisagens, e habitantes (indígenas e outros) da Guiana. Uma seleção destas obras foi recentemente (re)-publicada (Goodall 2002), mas, a maioria delas, desafortunadamente segue inédita.

em Bangkok, antes de falecer em 1865, em Schöneberg, perto de Berlim. Richard, por sua parte, volta para a Prússia, mas, nem quatro anos depois, decepcionado com o fracasso da revolução burguesa de 1848, ele emigra para a Austrália onde, após o fracasso de uma tentativa inicial como agricultor, se torna fundador e primeiro diretor do Jardim Botânico de Adelaide, cidade onde falece (em 1891) a uns 80 anos de idade.

Contamos com uma ampla **documentação** relativa às viagens dos irmãos Schomburgk no interior da Guiana. Há os detalhados “Reports” que, entre 1835 e 1839, Robert-Hermann mandou para a “Real Sociedade de Geografia” em Londres, posteriormente publicados no “Journal” daquela sociedade, e há a tradução destes “Reports” para o Alemão que, junto com dois mapas, outro membro da família, Otto Schomburgk (Primo de Robert-Hermann e Richard), publicou em 1848 na cidade de Leipzig^{5[5]}. Há também várias publicações (maiores e menores: 1840, 1844) de Robert-Hermann, assim como uma ampla coleção da correspondência dele com o Governador da Guiana Britânica da época (e outros autoridades).

De Richard Schomburgk temos, principalmente, a detalhada descrição (em três volumes) da sua viagem ao lado do irmão, obra publicado em 1848 em Leibzig, sob o título de “Reisen in British Guiana in den Jahren 1840 bis 1844” (Uma tradução ao inglês desta obra foi publicada por Walter E. Roth nos anos 20 do século passado (em Georgetown, então ainda: Guiana Britânica). Finalmente, há também uns poucos trabalhos **sobre** os irmãos Schomburgk (ou melhor: sobre as repercussões políticas das viagens e obras deles) dos quais mencionaremos aqui somente: (Ojer 1969 e Rivière 1995).

No que segue, centraremos – com exclusividade – na rica **etnografia** espalhada pelas inúmeras páginas desta ampla documentação, enfocando - centralmente - os alicerces ontológicos (ou: ideológicos) dela; pois, nosso interesse pelos irmãos Schomburgk é mesmo dupla. Por um lado, eles nos interessam como fonte de **informações históricas** sobre a posição geográfica, demografia, padrões de

^{5[5]} “Die Reisen Robert Hermann Schomburgk’s na Guiana und zum Orinoko, in den Jahren 1835 bis 1839”.

assentamento, relações interétnicas, e milhares de outros aspetos de interesse e importância (etno)-historiográfica.

No outro lado, nos interessam também como prova viva de uma mudança, lenta, mas afinal radical, do “olhar etnográfica”, a maneira historicamente particular de perceber (e descrever) modos culturais não-ocidentais, de varias gerações de “viajantes científicos” alemães da primeira metade do século XIX; mudança que contribuirá centralmente ao surgimento da “Völkerkunde” nas primeiras décadas da segunda metade e o peculiar estilo de levantar e apresentar dados etnográficos por ela praticada.

Por certo, Robert-Hermann e Richard Schomburgk viajam e publicam as suas principais obras, minimamente uns trinta anos **antes** da formação da “Völkerkunde” por (principalmente) Adolf Bastian^{6[6]}. O que é que eles e as suas obras têm a ver, então, com o surgimento dessa nova ciência?

Inicialmente, há de lembrar, que a Völkerkunde de Bastian e seus principais colaboradores (dos quais Karl von den Steinen, Fritz Krause. Max Schmidt, Herrmann Meyer, Paul Ehrenreich e Theodor Koch-Grünberg são somente os mais conhecidos no Brasil) constituiu meramente **a última** de **varias** tentativas na época, de esboçar uma nova ciência, centrada na análise dos diversos modos (históricos) da vida humana em sociedade, e – epistemologicamente - fundamentadas em alguma combinação do transcendentalismo de Kant, do “culturalismo” de Herder^{7[7]} e/ou o “holismo” *cum* empirismo de Alexander von Humboldt.

De todas estas raízes longínquas de um esforço comum de grande parte dos intelectuais alemães ao longo de toda a primeira metade do século XIX (e alguns ainda, em tempos posteriores!), destacaremos as obras de tanto Wilhelm von Humboldt como o seu irmão, Alexander, por serem de suma importância para nossa temática.

^{6[6]} Há de enfatizar aqui que o termo de “Völkerkunde” não é de Bastian. Ele foi usado na Alemanha já alguns anos antes de Bastian no título de livros, dedicados a um projeto distinto deste.

^{7[7]} Aliás [pace Zammito 2002], os autores deste desenvolvimento na Alemanha, raras vezes entenderam ainda o “transcendentalismo” de Kant e o “culturalismo” de Herder como paradigmas, incomensuráveis entre si; entendimento desenvolvida pelos neo-Kantianos somente na metade do século XIX, em defesa das “ciências sociais” contra o avanço triunfal do positivismo/reduccionismo das ciências “naturais”.

As relações entre os irmãos Humboldt e Schomburgk são diretas e intensas. Não somente que Alexander von Humboldt escreveu uma extensa “Introdução” à tradução dos “Reports” de Robert Schomburgk, editados, traduzidos, e publicados por Otto Schomburgk, em Leipzig, em 1848. Também foi Alexander quem “recomendou” ao Rei da Prússia o financiamento da “expedição científica” de Richard Schomburgk ao interior da Guiana. Finalmente, existe uma ampla correspondência entre os dois Schomburgk e (principalmente) Alexander von Humboldt, mantida durante décadas.

Tratava-se, é claro, de um relacionamento desigual; com Wilhelm Von Humboldt atuando como um dos mais importantes conselheiros do Rei, e Alexander (no ápice da sua fama internacional) cumprindo o papel de orientador e *mecenas* de toda uma geração de “novatos” num esforço comum (a “cosmografia”, variedade humboldtiana da “história natura”), restava para os Schomburgk se esforçar na eterna posição de “alunos devotos”, e de tentar fazer jus ao apoio material e ideal que receberam do “mestre”. E, dentro de uma relação tal, havia somente uma única maneira de “fazer jus” a “graça” de atenção e apoio: compor obras que, mesmo *a priori* incapaz de “superar”, minimamente (e explicitamente) teria que se aproximar ao máximo ao legado dos trinta e três volumes da “Voyage”, obra prima de Alexander von Humboldt, publicada (não por acaso: em Paris, e em Francês) entre 1807 e 1835.

Não surpreendem, pelo tanto, as inúmeras referências (diretas e indiretas) à obra de Humboldt espalhadas pelas publicações e até as cartas dos irmãos Schomburgk; e já mencionamos também, que a mais extensa e atrevida das viagens de Robert-Hermann Schomburgk, de Georgetown a Esmeraldas, no alto rio Orenoco, e de volta a Georgetown via os rios Negro, Branco e Essequibo, foi realizada com a declarada intenção de “pôr a Guiana” no mapa da região, elaborada por Alexander Von Humboldt décadas antes.

Mas, ainda muito além destas conexões e pistas diretas, o mesmo conteúdo das obras dos Schomburgk, a seleção daquilo que eles narram, e que não narram, assim como o seu “estilo” ou sua “técnica narrativa” (a maneira de contar aquilo que é apresentado, e passar encima daquilo que – mais ou menos ostensivamente! – está excluído do quadro) documentam - sem margem a dúvida - a importância primordial para os irmãos do

projeto “cosmográfico” do seu grande “Vorbild^{8[8]}”, o “olhar” particular desenvolvido e exemplificado por Alexander von Humboldt na “*Voyage*”.

Mas, então, que **tipo** de “olhar” foi esse?

Para começar: como “cosmógrafos”, o interesse dos Schomburgk **não é** (ainda) a **sistematicidade interna** das sociedade e da vida social de um ou outro dos diversos povos indígenas (e outros “grupos” humanos) por eles encontrados e observados na Guiana^{9[9]}. O que se registra são impressões casuais e particulares. Se mesmo assim, afinal, o leitor tem a impressão de “conhecer” e até “entender” a região percorrida como **espaço étnico**, tal entendimento se fundamenta em duas operações **retóricas** realizadas constantemente por ambos autores.

Primeiro, os Schomburgk “projetam” –constantemente –observações casuais e particulares no nível de **características gerais** de **povos inteiros** e, segundo, como fieis alunos de Alexander von Humboldt, ambos se deixam guiar nas suas observações e interpretações pelo pressuposto (ainda nada comum, nos dias deles) de uma **natureza única** de toda a humanidade que, mesmo assim, se documenta em expressões concretas, historicamente específicas em cada **povo**.

Pelo geral, os Schomburgk registram meramente o imediatamente “visível”, como a construção ou a organização do interior de casas, as pinturas corporais e os adornos, usados por esse ou aquele homem ou mulher; ou também algum ritual, casualmente presenciado em algum lugar. Embora, mesmo assim, **o total** das informações etnográficas fornecidas, sobretudo por Richard Schomburgk, revela uma - pela época! - surpreendente capacidade de observação, assim como uma enorme **vontade** (em ambos os autores) de “recriar” no leitor, via a descrição minuciosa, uma imagem viva e “verdadeira” daquilo que, ao longo da sua viagem, se apresentou casualmente aos olhos dele.

Para ilustrar a surpreendente “densidade” de descrição etnográfica para a qual o seu olhar particular (humboldtiano) lhes qualificou, basta citar a seguinte descrição de

^{8[8]} A semântica desta palavra alemão é mais ampla (e positiva!) que aquela do seu equivalente (exemplo) em português.

Richard Schomburgk (no original, muito mais extensa e detalhada, ainda) da rica ornamentação de um grupo de “Akawaio” (Ingarikó) que, em certa ocasião, visitaram outra comunidade da mesma tribo, onde os Schomburgk se encontraram acampados.

“Entre is Warrau, eu já tinha encontrado diversos adornos pitorescos. Embora, nunca antes vi nada parecido com aquele quadro que se me apresentou aqui. Imaginem um homem belo e forte, coroado com um fantástico „chapeio de penas“ (cocada). Toda a cara coberta por inúmeras linhas finas em branco e vermelho; [linhas] retangulares e paralelas, uma encima da outra, sobre as quais caem – coladas à testa – as penugens, finas e brancas, do *Crax alector*. Todo o corpo [do homem], inclusive as pernas, apresenta figuras retangulares (pintadas) em preto e vermelho, enquanto os pés são coloridos em vermelho. A nuca, forte, e o igualmente musculosa peito estão enfeitados com colares, feitos de dentes de macaco e queixada [Wildschwein], onde se encontram fixadas [pendurando] asas esplendidas do ‘pássaro do mel’ (*Nectarinia cocruela*), ou também do ‘escaravelho esplendido’ [Prachtkäfer] (*Buprestiden*), caindo sobre as costas. Os tornozelos são amarados com fios da semente de *Thevetia nereifolia* (Juss.) que, com cada passo dado, emitem o som de timbres...”^{10[10]}

Para avaliar melhor a riqueza de descrições como esta, é preciso tomar em conta, não somente a época, a enorme **distancia** cultural que separava os Schomburgk dos indígenas, mas também o cansaço permanente dos dois viajantes, o desgaste físico e mental constante, devido aos seus deslocamentos quase diários, a concentração permanente em milhares de tarefas, a permanência durante meses em espaços ainda isolados e afastados da própria civilização e cheio de perigos e ameaças a saúde e até a sobrevivência física, assim como também, a falta total de preparação antropológica; - quadro esse que torna ainda mais notável e surpreendente a **constancia** da postura (sobretudo em Richard Schomburgk) de atento observador e descritor detalhista, como também o **equilíbrio emocional** mostrado por ambos, até frente a alguns eventos e práticas dos mais inusitadas, subjetivamente - com certeza – percebidas como assustadoras e/ou repugnantes.

Em realidade, o que surpreende mais - em ambos os irmãos - é a sua inesperada capacidade de evitar a denuncia fácil dos diversos modos culturais de ser e viver de pessoas e grupos (sobretudo: índios), observados no momento de realizar praticas

^{9[9]} Foram esses - principalmente: os atuais “Warrau”, :”Aruak”, “Carib [Karinhá] e :”Akawio” da Guiana, assim como – sobretudo - os “Macuxi” e “Wapishana”, nas savanas e montanhas do sudoeste da Guiana e do extremo norte do Brasil.

^{10[10]} (P.205)

culturais inesperadas pelos seus observadores, em termos simplesmente denegridores (ou: racistas). Vemos outro exemplo:

“A casa se encheu mais a cada instante. Chorando e lamentando, as mulheres rodavam a rede com o cadáver; as mãos dadas com as suas crianças que também choraram. Elas sacudiam a rede, levantando as mãos e emitindo gritos comoventes... Depois de um longo tempo em que essas vizinhas [da falecida] se renderam a sua dor, elas começaram a intercalar sua viva expressão dos seus sentimentos com breves canções: [nas quais] uma lamentava a perda da melhor amiga, outra elogiava a finura do fio de algodão que a finada tinha sabido filar ou as belas panelas que ela costumava fabricar. Outras ainda enumeravam [simplesmente] todos os hábitos positivos da defunta, terminando cada ‘*elogium*’ com as palavras comoventes: ‘Asamanda! Asamanda!’ (“Morto! Morto!”). Durante tudo isso, os homens - inclusive o viúvo - ficavam mudos e imóveis, sentados no chão... Finalmente, o filho [da defunta] se levantou, [abandonando] o círculo mudo [dos homens], e começou a escavar uma tumba, no meio da casa.” (P.420)

O trecho citado ilustra exemplarmente a (pela época!) rara vontade (e capacidade) de (neste caso) Richard Schomburgk, de **empatia**; o profundo desejo e enorme esforço do seu autor, para entender o estranho, às vezes até chocante, casualmente vivenciado entre os índios da Guiana, nos termos de uma **igualdade profunda**, ou - como diria Adolf Bastian décadas depois - em base do *a priori* da **identidade psíquica** (e emotiva) de toda a humanidade”.

Em outros momentos, é este mesmo *a priori* que faz Richard Schomburgk interpretar, por exemplo, as pinturas corporais dos índios, junto com os demais enfeites “estranhos” de homens e mulheres indígenas, como tantas “expressões locais” da mesma “ vaidade” (supostamente “pan-humana”); uma “ vaidade” julgada igualmente “aberrante” (embora tolerável!) no indígena das guianas, como na “mulher inglesa” e os “Stutzer” (os “snobs”) alemães! Finalmente: o mesmo pressuposto fundamenta ainda a constante tentativa de ambos os irmãos, de “racionalizar” o complexo ideológico, relacionado à idéia (pan-guianês) do “Canaimé” (e, sobretudo, a suposta praxe violenta deste último) nas sociedades indígenas da região, como expressão (aberrante, mas não exclusivamente indígena!) de uma “sede” pan-humana (e: “demasiado humana”^{11[11]}) por vingança, - supostamente observável igualmente, até em “civilizados”.

“... entendi que o modo de satisfazer a sua sede de vingança é nunca enfrentar o seu adversário abertamente, frente a frente, mas atacá-lhe desde uma emboscada. É, pois, via a astúcia que [o índio] tenta satisfazer a sua sede de vingança; - que é a [verdadeira] criadora daquela

^{11[11]} :”Menschlich, allzu menschlich!”

fantasmagoria que acompanha constantemente em todos seus caminhos e em todas as [suas] atividades, [e] que pesa – como um pesadelo - sobre a alma dele. É [essa fantasmagoria (o Canaime!) que] lhe faz fechar cuidadosamente a porta da sua casa no início de cada noite, e cuja chegada ele acredita avisada, com qualquer ruído noturno inusitado... [323] Nos instantes nos quais a sede de vingança faz o indígena atuar como *Kanaima*, ele persegue sua vítima como uma cobra que se arrasta por embaixo das folhas secas. Nunca a perde de vista... até [o momento em] que, finalmente, logra surpreende-la sonhando. Então coloca uma pequena quantidade de um pó^{12[12]} nos lábios ou debaixo da nariz [da vítima dormente], assim que [a vítima] o inale. Uma forte queima nos intestinos, uma febre enfraquecedora, uma sede ‘tantálico’^{13[13]}, que não pode ser apagado; esses são os sintomas do envenenamento que entregam a vítima à certeza assustadora do que as suas horas são contadas. Dentro de quatro semanas, o enfermo se reduziu à pele e ossos e morre sob os mais horríveis dores.” (322-23]

Ora, não faltam - por certo - também declarações abertamente etnocentristas, até racistas, (principalmente) com relação a população negra, ex-escrava da colônia britânica). Mas, na sua maioria, até estas manifestam – mesmo que só “negativamente” - a profunda convicção dos Schomburgk da identidade e unicidade fundamental de todos os seres humanos, vistos como - **por natureza** - capacitados de se identificar com, aceitar e viver uma **postura ética moral** nas suas vidas, que depende unicamente da sua **vontade** para tal, e que, pelo tanto, **pode** e é demandada de todos.

Para os Schomburgk, não tem nada de errado em cumprir até as mais estranhas “obrigações culturais” (costumes). Do que eles não abrem mão é que – seja o que for que se faz – se faça isso com toda seriedade. O que eles condenam e critica severamente é sucumbir ao “vício” e deixar fazer o que a cultura manda **com toda a devida seriedade e dedicação**.

É fundamentada nesta convicção que os irmãos Schomburgk lamentam, por exemplo, a falta de vontade (ou de *habitus*) em pessoa ou grupos contatados nos seus viagens de submeter tudo que é “próprio”, e de responsabilidade individual de cada uma das pessoas (o espaço privado da própria casa, por exemplo, os moveis, a roupa e, sobretudo, o próprio corpo e a “fala” [ou: “os pensamentos”]) a um estrito (auto)-controle^{14[14]}. Por considerar todos os homens igualmente **capazes** de fazer o que **precisa**

^{12[12]} Richard acredita que se trata de uma espécie de Quinino! [E.F.]

^{13[13]} De “Tântalos”, figura famosa da mitologia grega.

^{14[14]} Não por acaso é a estetização do próprio corpo (postura reta, movimentos agis, pintura enfeites) por parte do indígena (sobretudo os mais afastados da fonte corruptora da civilização) que mais chama a atenção dos irmãos Schomburgk. Mesmo – em parte – documento da “ vaidade” deles (sobretudo, nos homens), os adornos e a pintura corporal, mas, sobretudo, a postura reta, a economia de gestos e da mímica, e a disposição constante de desconsiderar ricos e não calcular esforços, gastos em pró das próprias finalidades, tudo isso agrada os dois autores que o tomam como mostra clara da aceitação incondicionada

ser feito, com dedicação e seriedade, a ausência de tal postura – conseqüentemente - é considerada prova de uma (condenável) “franqueza”, ou “falta de vontade”.

A mesma lógica fundamenta ainda o profundo desdém expressado claramente por ambos autores com relação a pessoas (indígena ou não!) que, de alguma maneira, criam “desordem”, tolerem “sujeira” e/ou mostrem qualquer outro “Laster” (“vício”).

Finalmente: também devido a mesma “lógica”, os Schomburgk depreciam abertamente expressões emocionais “exageradas” (gestos, gritos, choro), qualquer sinal de “preguiça”, e sobretudo, a falta de “sinceridade”, tanto em indivíduos, como em grupos (locais, lingüísticos, “raciais”) inteiros (Negros, Warrau)^{15[15]}.

Não cabe dúvida, pelo tanto (é, considerando a época que lhes tocava viver: também não tem nada surpreendente nisso), que os Schomburgk **judgam** – constantemente - a “realidade étnica”, por eles observada na Guiana, em base de **valores** (uma ética e uma estética), típicas da sua época e, sobretudo, da sua própria **classe social**: o “Bildungsbürgertum”, a “Burguesia de Formação” (vide B. Giesen B. 1993:105-115; Giesen e Junge 1991; Kocka Ed. 1987; também: Habermas 1962), classe culturalmente (mas não: politicamente!) hegemônica na Alemanha da época.

Tratava-se de uma classe composta (principalmente) por profissionais autônomos, o baixo clero (sobretudo da igreja luterana), e servidores públicos (“Beamte”), entre estes, professores de todos os escalões (da escola primária aos professores universitários), assim como muitos “Junkers” empobrecidos, classe produtora e portadora do que Max Weber identificou magistralmente como “ética protestante”.

A característica principal da classe foi, é claro, a sua “Bildung”, conceito que, no alemão da época, significava ainda muito além de “educação formal”. Na realidade, o “Bildungsideal” desta classe visou, centralmente, o **aperfeiçoamento sistemático** (consciente e constante) da “Seele” (= alma/espírito) de todos os homens, via a dedicação

da própria “Pflicht” (Obrigação) cultural, por parte dos nativos; a mesma “Pflicht” que elimina dos “reports” de Robert-Hermann qualquer indicação do enorme esforço e dos acidentes, febres, o cansaço físico sofrido na realização da sua “missão”.

^{15[15]} Sem dúvida, o pano de fundo de tais qualificações constitui a plena identificação dos irmãos com aquilo que Max Weber chamou a “**ética protestante**”^{15[15]} (...) em combinação com uma aceitação igualmente acrítica da **estética clássica** (ou classicista) que – para dar só um exemplo - faz Richard Schomburgk caracterizar os Wapishana como povo “excepcionalmente bonito”, em base de uma suposta “simetria perfeita” dos seus rostos, e os seus “narizes romanos”.

ao trabalho, o mais estrito e constante autocontrole (disciplina, austeridade) e estudos continuados (leitura) nos campos, tanto das “ciências” (principalmente filosofia e história), como da “poesia” – ideal considerado plenamente pelos grandes filósofos-poetas alemães do século XVIII (de Lessing a Goethe). Filosoficamente “idealista”, politicamente “liberalista” e “humanista” no que dizia respeito ao ético-moral, os Bildungsbürger entenderam-se como “elite” não em contraste com o “povão”, mas “em função” dele.

Ora, não surpreende, talvez, o fato que o “olhar etnográfico” dos irmãos Schomburgk, sobretudo na sua “lógica” moralizante constitutiva deste olhar; aquilo que determina não somente o que eles registram (e o que não registram), mas – principalmente - aquilo que está registrado com aprovação e aquilo que é considerado prática merecedora da sua crítica e reprovação, é determinado pela posição histórica deles na estrutura de classes do seu país de origem. Mas, o que chama mesmo a atenção é que suas avaliações ética e estética do espaço étnico percorrido resulta finalmente na identificação implícita de um estranho **gradiente** “moral” que, supostamente, percorre a colônia britânica (e ainda os territórios no oeste desta) de leste para o oeste, da costa para o interior, ou dos Warrao (que - naquela época - ocupavam ainda um território que, em direção ao sudeste - ao longo da costa - chegava muito além do atual) no pólo (negativo), e os Macuxi/Wapishana no pólo positivo; passando via os Arawak, Caribes, e Akawaio^{16[16]}.

Trata-se de um gradiente, no mesmo instante, geográfico, moral e estético, pois, é com a distancia entre estes grupos e a costa que – supostamente - diminui gradativamente a “preguiça” e um estranho “gosto pela mentira” (dos Warrau), até desaparecer por completo entre os Macuxi e Wapishana, do Rupununi e além; ao mesmo momento em que as “fisionomias feias” dos Índios se tornam “belas”, os seus “corpos curvados” se esticam, e a sua cultura material ganha beleza e perfeição técnica. Finalmente, é também com a distancia da costa que – supostamente - as casas indígenas (“mal-construídas” entre os Warrau e, sobretudo, sempre “sujas”) se tornam cada vez mais “arrumadas”, “limpas” e (por isso) “admiráveis” pela sua sofisticada arquitetura.

^{16[16]} Os Akawaio aparecem, alias, nos relatos de ambos irmãos, com três nomes distintos: “Waika”, no Barime e Cuyuni, “Akawoi” mesmo, no Mazaruni, e “Serekong” nos redores do monte Roraima.

Ora, como interpretar tal “gradiente:”? Ceder a tentação de – simplesmente – o aceitar como “empírico”, um reflexo direto e/ou “verdadeiro” de uma realidade étnica, deveras diferenciada pelos aspetos indicados, significaria – sem dúvida - cometer uma grave ingenuidade, pois, tal aceitação ignoraria a natureza não somente “seletiva”, mas deveras **construída** da percepção subjetiva e seletiva, não somente dos irmãos Schomburgk, mas, de todos nós.

No outro lado, se o indicado “gradiente” é mesmo fruto de **uma projeção**, estruturada na sua totalidade pela “ética protestante” e a “estética classicista” dos observadores (é acreditamos, que não pode haver qualquer duvida disso), como se explica então que esta avaliação nunca é desafiada pela experiência empírica destes atentos observadores?

É claro que, neste estado inicial de nossa pesquisa, a resposta a este enigma só pode ser tentativa. É preciso destacar, inicialmente, que os próprios Schomburgk interpretam o “gradiente” aqui em questão um mero “reflexo” de uma diferenciação mais significativa do mesmo “**caráter**” (social/cultural) dos povos indígenas da Guiana. Segundo os Schomburgk, trata-se, em realidade, de uma diferenciação “de origem recente”, “causada” – centralmente - pelo “contato” (intenso, e prolongado nos grupos costeiros, e – supostamente – “quase ausente” ainda nos grupos do interior) entre os grupos étnicos e a “civilização ocidental” na Guiana.

Em realidade, tanto Robert-Hermann como Richard Schomburgk se mostram convencidos de que a mera presença (de representantes) da “civilização ocidental” entre povos “indígenas” em qualquer parte do mundo produz (sempre e necessariamente, e em graus variáveis com o tempo que perdura este contato) uma **fatal corrupção do “caráter”**, isto é, dos **princípios** morais e estéticos dos primeiros. Tal corrupção afeita inclusive (via o alcoolismo, enfermidades contagiosas, e as “comodidades urbanas”) a integridade biofísica dos povos indígenas atingidos, tornando os seus integrantes “feios”, “moles” e “viciados”, sinal do seu inevitável destino final: a morte físico e desaparecimento sócio-cultural.

“Todos os indícios que colecionamos ao longo de nossa convivência com esses ‘homens sem lágrimas’ indicam claramente que o presente destes autóctones constitui a cena final daquele imenso drama que se renovará em qualquer lugar, onde a civilização européia entrará ou já entrou” (1847:70)

Ora, frente às conseqüências deveras devastadoras que, na frase que acabamos de citar, os Schomburgk atribuem ao mero “contato” de “povos nativos” com a “civilização européia”, surpreende talvez que, no mesmo instante, eles lamentam abertamente que, na Guiana da sua época, a **civilização** está presente, no máximo, na cidade de Georgetown e, eventualmente ainda, nas sedes de algumas fazendas nos redores; embora, mesmo em Georgetown, ela existe, supostamente, somente numa variedade “tergiversada” e “fraca”.

Em realidade, até mesmo nas vilas dos Warraus e Aruak, visitadas e descritas pelos alemães, os sinais da “civilização” se reduzem – afinal - às conseqüências visíveis da degeneração do seu caráter social que, supostamente, os seus habitantes já tinham sofrido no passado. Parece obvio, pois, que - no entendimento destes alemães - a influencia fatal exercida pela “civilização” sobre estes nativos não era conseqüência direta de, por exemplo, bebidas álcool “fortes”, facilmente acessíveis, de enfermidades contagiosas, ou de dietas (e outras rotinas culturais) já drasticamente alteradas. Mas bem, o alcoolismo e a prostituição indígena, o abandono da sua auto-suficiência econômica e as enfermidades contagiosas, para os Schomburgk constituem somente tantos fatores adicionais (e “aceleradoras”) a um “enfraquecimento” **anterior e mais profunda** da “natureza” coletiva dos nativos; enfraquecimento esse que – justamente - os tornava **susceptível** aos “vícios” que – fatalmente – irão acabar com eles.

Ora, não há dúvida com relação a agudos sinais de “aculturação” nas sociedades indígenas da Guiana, já naquela época; principalmente, nas sociedades costeiras. Tampouco duvidamos da influência decisiva que modos de vida **podem** exercer, até sobre a aparência física (e as fisionomias) de indivíduos e coletivos. Mesmo assim, parece-nos evidente que o “gradiente moral e estético”, experimentado e expressado pelos Schomburgk, como separando os indígenas costeiros da Guiana dos seus irmãos do interior, é – em grande parte – produto de uma **projeção** preconceituosa, reflexo da convicção profunda deles de que o mero “contato” com a “civilização” provoca alterações imediatas (e, em última instância, fatais!) no “natureza social” (ou, como diríamos hoje: da **constituição cultural**) de qualquer povo nativo, junto com a sua

convicção (aliás: errada!) de que os grupos do interior da Guiana não teriam tido qualquer experiência neste sentido até poucos anos atrás.

O “gradiente moral” indicado expressa, pelo tanto, por um lado, o profundo “agrado” dos irmãos Schomburgk de terem encontrado e observado povos indígenas, supostamente ainda no seu estado “originário”, inalterado pela nociva influencia da “civilização”, assim como, no outro lado, uma **postura** preconceituosa frente aos grupos tidos como “estragados” (culturalmente, moralmente e até fisicamente) pelas influencias “civilizadoras” sofridas. Mas, até o olhar preconceituoso **precisa** (e procura constantemente) **alguma** “evidencia” empírica. Quais foram, então as experiências concretas que, no caso dos irmãos Schomburgk **reforçaram** a sua opinião preconcebida de uma significativa **diferencia moral** entre, por exemplo, os Warrao e Carib da Costa e os Macuxi e Wapishana do distante **interior** da Guiana?

A leitura atenta das obras dos Schomburgk não deixa duvida: para eles, o que mais que tudo distanciava os povos costeiras, dos seus irmãos do interior, foi o **tratamento** que os Alemães receberam de uns e outros, ao longo dos dias e semanas de convivência direta dos primeiros com os últimos, nos locais residenciais dos ultimos.

Em realidade, os encontros e a convivência direta e prolongada dos Schomburgk com os Macuxi, Wapishana e Pemon, nas longínquas savanas circum-roraimenses, se desenvolveu - quase sempre - segundo um “protocolo” bastante distinto daquele (muito mais variável) que lhes foi aplicado nas “malocas” costeiras. Pelo geral, este “protocolo” aceitou os estranhos visitantes destes povos **automaticamente** (embora: somente por tempo limitado) no incontestado **centro de atenção** de todos, principalmente: das lideranças locais, objeto de uma “hospitalidade ritualizada” que incluía o imediato atendimento às suas demandas e curiosidades. Não temos dúvida de que o “formalismo/servilismo” implícito nesta hospitalidade ritual (e interessado, é claro!) foi **experimentado e interpretado** pelos Schomburgk a luz da idéia já comentada, de que **qualquer** modo (cultural) de ser, viver e entender o mundo, vivido “naturalmente” (isto é: plenamente e com “seriedade”), permitisse e estimulasse a “ordem”, a “retidão” (até na postura corporal), a “justiça” e até a “beleza” dos seres humanos em geral.

Nos comunidades costeiras, no outro lado, o tratamento recebido pelos moradores nativos e bastante diferenciado, variando de aberta indiferença e mal disfarçada

hostilidade, até um servilismo exagerado e – afinal – ineficiente. Mais ainda, enquanto - na costa – a comitiva (mais numerosa como no interior!) as vezes mantêm acampamentos próprios, ao lado ou até a certa distancia das malocas indígenas, no interior, os visitantes são acolhidos pelo “chefe” local que lhes alimenta e indica (até: manda construir) moradias adequadas. Ou seja, no interior, quem está sempre no controle da situação são – indubitavelmente - os anfitriões indígenas; no mesmo instante em que a hospitalidade ritualizada, permita aos hospedes a **ilusão** de “independência” e de “seguir com a iniciativa”.

xxxxxxxxxxxxxxxxxxxx

é clara e inquestionável, mas também, a

Ora, mesmo que automático e inevitável, essa “perda de postura” (moral até física) dos povos autóctones, conseqüência de qualquer contato imediato com a “civilização” (e, em conseqüência, auto-destruição via alcoolismo, prostituição e o seu enfraquecimento físico, e até: espiritual geral), podia sim, substancialmente acelerado ou retraçado, dependendo da atitude dos mesmos representantes ou “portadores” da civilização frente a essas vítimas dela. Sobretudo em Robert-Hermann Schomburgk esta última idéia fundamenta, desde o inicio das suas viagens no interior da Guiana, uma serie de ações e decisões práticas (até, diríamos: políticas) que, justamente pelo seu êxito, pelo menos parcial, o transformaram em um dos vilões principais da história relações entre o Brasil, a Venezuela e a Guiana “britânica”, desde a década de 40 do século XIX até hoje. Pois, como mostrou Peter Rivière num trabalho recente, além da distancia geográfica que separou os Wapishana, Macuxi e Jaricuna (Pemon) da influencia nociva da “civilização ocidental” da costa da Guiana, a profunda admiração, os constantes elogios que os viajantes alemães formulam com relação ao seu modo específico de ser e viver (isto é: a cultura) se devem **também** (paradoxalmente) em boa parte à proximidade deles com outro “ponto avançado” da “civilização ocidental”, situado no limite sud-ocidental do seu espaço étnico: o “forte São Joaquim”.

Mas, - isto já é outra história.
